O ENCONTRO reuniu 300 profissionais de várias áreas da comunicação

Discutindo a SUSTENTABILIDADE

Encontro latino-americano reúne autoridades e profissionais de comunicação e meio ambiente e reacende o debate sobre desenvolvimento sustentável

ALEXANDRE SALUM
Colaboração: Instituto Envolverde

"Política ambiental é algo que se faz assim: estaca a estaca, mourão a mourão, para poder fazer com que as coisas possam acontecer. Mas isso tem um preço, tem um custo. Às vezes, o custo é de que você não vê dá o que plantou. Mas é uma alegria ver o fruto que você semeou ser saboreado por todos. Na busca pela sustentabilidade, temos um desafio ético, e não técnico". A afirmação é da ex-ministra do Meio Ambiente e senadora Marina Silva, que abriu o I Encontro Latino-Americano de Comunicação e Sustentabilidade, realizado nos dias 16, 17 e 18 de outubro em São Paulo, e idealizado pelo Instituto Envolverde.

Dividido em três temas - "Amazônia", "Água" e "Energia" -, o evento reuniu 42 palestrantes, e cerca de 300 profissionais das várias áreas de comunicação e discutiu as mudanças de paradigmas sobre o desenvolvimento dentro dos parâmetros de sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Segundo Adalberto Marcondes, diretor e editor do Instituto Envolverde, o objetivo do evento foi envolver a comunicação corporativa e empresarial no debate da sustentabilidade, pois acredita que as empresas têm um papel muito importante neste momento: "Se elas não tiverem envolvidas, não adianta a gente ficar discutindo. A solução também parte delas. Este evento teve o papel de também ampliar o espaço de diálogo para profissionais de comunicação que atuam não apenas na mídia, mas também na comunicação corporativa", afirmou.

Marina Silva - Em sua palestra, "Sustentabilidade: um novo modelo de de-

senvolvimento para o século XXI", a ex-ministra de Meio Ambiente e senadora afirmou que é preciso ter um compromisso com a ética para utilizar todos os avanços nas áreas técnicas e científicas. "A sustentabilidade ética é a que move todas as demais. Ainda não temos equivalência ética para colocar todos os conhecimentos tecnológicos em prática de forma igualitária, para todos", enfatiza. Marina Silva disse também que todos pensavam que os recursos naturais eram infinitos, mas que é chegada a hora do limite e que temos que conviver com isso de uma forma absolutamente inovadora e criativa.

Ainda foi além e utilizou a evolução da humanidade para mostrar que é possível conquistar a sustentabilidade ética, base para todas as demais: do desenvolvimento das habilidades do homem, colocado por ela como a era dos *homo habilis* (homem habilidoso), passando pela era do *homo bellicus* e agora na *homo economicus*, a ministra acredita que é possível chegar ao *homo sustentabilis*. "Basta termos clareza de que as mudanças não acontecerão pela onipotência dos nossos pensamentos. É fundamental criar meios para alcançar essa mudança", afirmou.

FOTOS CLÓVIS FABIANO

SEGUNDO Luiz Fernando Nery, meio ambiente dá credibilidade às empresas

A EX-MINISTRA Marina Silva defendeu a mudança e a conscientização urgentes

Amazônia - A mesa redonda "Amazônia e Sustentabilidade" debateu o papel dos hábitos pessoais de consumo, que, em última análise, são os principais financiadores da destruição da floresta. Participaram da mesa João Meirelles, diretor do Instituto Peabiru; Caio Magri, assessor de Políticas Públicas do Instituto Ethos, e Nelson Cabral, gerente setorial de Segurança, Meio Ambiente e Saúde da Petrobras.

João Meirelles afirmou que 75 milhões de hectares de floresta já desapareceram por causa da pecuária. "A culpa não é do boi, é do pecuarista", faz questão de frisar. E explica afirmando que na Europa a média é de 3,5 cabeças de gado por hectare. Na Amazônia, essa proporção é de 0,5.

Mas todos concordaram que a pecuária bovina gera vários e sérios problemas, como o trabalho escravo, uso de enormes quantidades de água, queimadas e desmatamento. A constatação é de que a pecuária é a principal causa de destruição da Amazônia, seguido pela indústria da soja e a extração ilegal de madeira.

Hoje, cerca de 20% do território da floresta já está destruído e as projeções indicam que se esse ritmo continuar, em menos de 30 anos não haverá mais Amazônia e a atual geração terá sido a última a conhecer a floresta como ela é.

Meirelles e Magri afirmaram que o maior mercado consumidor de carne bovina da Amazônia é o próprio Brasil, sendo que grande parte vai para o mercado paulista. Se o consumo cresce, o desmatamento também cresce. É preciso alterar este ciclo. E, para isso acontecer, tomar conhecimento do problema e adotar hábitos de consumo mais conscientes é fundamental. Ou como afirmou Caio Magri: "A sustentabilidade é a última possibilidade de vida do homem neste planeta. Estamos falando de perpetuação da espécie humana. Ou dormimos o sono eterno ou começamos a pensar em como enfrentar estas questões construindo opções sustentáveis".

Rodovias x verde - Marcos Mariani, da ONG Preserve Amazônia, falou sobre o problema das rodovias, que causam grandes impactos sociais e ambientais na Amazônia e podem dificultar tentativas de controlar o desmatamento. Segundo ele, o governo federal ignora isso e as considera prioridade pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Mariani ressalta a importância de articulações no

O PÚBLICO discutiu a reinvenção de uma imprensa que tem de sujar as mãos de verde e não só denunciar a situação

Congresso para que se discutam alternativas às rodovias.

As rodovias citadas foram as BRs 319, 230, 163, 319 e 230, sendo que a maioria é estrada de difícil acesso. "Se na BR-163, que não foi asfaltada ainda, o simples anúncio do início da pavimentação aumentou o desmatamento em 500%, imagina o que vai acontecer na BR-319, que cruza o coração da Amazônia, onde está preservado somente por que as pessoas não têm acesso?", ressalta Mariani.

Segundo ele, o EIA-Rima (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ao Meio Ambiente) foi realizado, mas de forma incompleta, porque não levou em conta a alternativa da construção de ferrovias. Mariani enfatiza que a organização não é contra as estradas, "há certos lugares que não há outro jeito". Com a experiência de quem já morou 12 anos no Pará, relata que 80% do desmatamento ocorrem próximos a elas. "É uma situação que se torna inevitável já que o governo não controla o desmatamento, nem nas frentes que já estão abertas, imagine como será a situação se o governo asfaltar todas as estradas que cortam a Amazônia?", afirma.

Em setembro deste ano, o Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc anunciou a suspensão por 60 dias do processo de licenciamento ambiental da BR-319 e classificou a medida como preventiva para proteger a área mais preservada da Amazônia. Por enquanto, a obra está parada. O governo aponta a necessidade de se asfaltar a polêmica BR-319, onde é feito o transporte de produtos da Zona Franca de Manaus até São Paulo. O balanço mais recente divulgado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) prevê a conclusão da rodovia até 2012.

"A sustentabilidade é a última possibilidade de vida do homem neste planeta"

Empresas e Sustentabilidade

Luiz Fernando Maia Nery, gerente de Responsabilidade Social e de Comunicação Institucional da Petrobras, e Pablo Barros, coordenador de Comunicação do CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável), também acreditam que o importante processo traz grandes retornos de credibilidade, confiança, reputação e imagem para a marca e o negócio. Para ambos, não é mais possível pensar a comunicação empresarial sem pensar em co-responsabilidade de todos para com todos, em um contexto mundial.

Atualmente, a comunicação empresarial deve ser participativa e voltada ao conhecimento, caso queira ser uma ponte para um relacionamento de confiança das empresas com seus clientes, fornecedores ou parceiros. Nestas idéias e ações, são a base para um novo posicionamento do negócio e para um novo paradigma de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

No caso da Petrobras, uma das grandes conquistas almejadas é "ser considerada por todos uma empresa grande e rentável, preferida entre seu público de interesse". Segundo Nery, este é um grande valor sustentável: "Alcançá-lo é trabalho que impõe um ritmo inerente a um processo de transformação, onde se criam "valores com riscos minimizados", disse ele, completando que "a questão da sustentabilidade é algo presente em todo nosso planejamento estratégico e no modelo de governança da Petrobras. "Hoje, a gestão da companhia considera esta premissa como algo fundamental para o seu processo de crescimento. A comunicação dentro da atuação da empresa com vistas à sustentabilidade é algo que vem ga-

rnhando força e transformando o modo da Petrobras se comunicar".

Energia e desenvolvimento - "A energia é o sangue do sistema". Com esta frase, Ladislau Dowbor, professor de Economia e Administração da PUC-SP, definiu o debate em torno da energia para o desenvolvimento. Participaram do painel além de Dowbor, Karen Suassuna, do WWF, e Paulo Fernando Rezende, da Eletrobrás, onde debateram a evolução da matriz energética brasileira até 2020. "O Brasil que tem um padrão que é eminentemente sustentável, possui uma situação particular em possuir um gigantesco capital de solo e água que o coloca em regime de autonomia e independência em termos de energias de fontes renovaveis e limpas", lembrou.

Para o professor, trata-se de campanhas em prol da economia doméstica e empresarial, em cuja adesão ele acredita. Mas também de soluções alternativas já comprovadas de experiências que acabam gerando economias mensais para populações no bolso de quem ela faz muita diferença. Segundo Karen Suassuna, do WWF, os moradores economizam cerca de R$ 40 reais mensais no projeto de um bairro popular em Belo Horizonte. As placas solares complementam o fornecimento de eletricidade da concessionária oficial. Para ela, este modelo em escala é interessante para as geradoras de energia no Brasil como auxiliares nos picos de consumo em determinadas horas do dia, evitando colapsos no sistema e até diminuindo investimentos de grande porte.

Segundo relatórios do WWF, o cenário sustentável possibilita gerar oito milhões de postos de trabalho, o que corresponde a 3,5 milhões de empregos a mais do que na situação convencional. O impulso a alternativas, inclusive a eólica, diminui impactos ambientais advindos da expansão de grandes hidrelétricas, estabiliza as emissões de CO_2 na faixa de 20 milhões de toneladas, e traz economia de R$ 33 bilhões até 2020.

O engenheiro Paulo Fernando Rezende, encarregado da Divisão de Acompanhamento de Empreendimentos de Geração da Eletrobrás e responsável pelos estudos em torno da usina de Belo Monte no Xingu, defende a informação aberta e a educação para as populações atingidas pela obra, mas também a necessidade de mitigações sociais e ambientais, bem como financeiras.

Segundo Rezende, no caso de Belo Monte, serão investidos R$ 138 milhões para uma geração de 40 milhões de Mwh; metade para os sete municípios envolvidos, onde estão as 19.242 pessoas que sofrerão revezes com a instalação, e metade para o Estado. A proposta da Eletronorte é administrar e preservar as Unidades de Conservação e as terras indígenas vizinhas à obra. "Para nós é preferido que a água chegue limpa e sem poluentes", afirmou. ■

Imprensa e Meio Ambiente

Para Luciano Martins Costa, editor do Observatório da Imprensa, que analisa há oito anos a cobertura de imprensa, assegura que ela está muito atrasada com relação à forma de abordar temas envolvendo a sustentabilidade. Martins Costa conta um caso citado por uma jornalista da revista Época durante um evento da área. Ela revelou que se sentia participando de movimentos de vanguarda, mas recuava uma década quando voltava para a redação.

Segundo ele, a imprensa não percebeu a evolução dos tempos e hoje a questão da sustentabilidade não é só assunto de ecologista: "O jornalista precisa vivenciar mais a importância do seu papel social", afirmou. Na sua avaliação, falta na maior parte dos profissionais da imprensa uma estrutura de valores que dê significado à profissão. "Acompanhei todos os processos de modernização dos jornais de São Paulo, com a troca de profissionais mais experientes por menos experientes," ressalta.

Envolverde

A Agência Envolverde surgiu há 13 anos para administrar no Brasil o Projeto Terramérica, em parceria com a Agência Internacional Inter Press Service (IPS) e com Programas das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Desde então vem se especializando na cobertura de temas vinculados ao meio ambiente, desenvolvimento humano, educação e cidadania planetária. Em oito de janeiro de 1998, entrou no ar o site *www.envolverde.com.br* e há três anos nasceu a Envolverde-Revista Digital. O responsável por tudo isso é o jornalista Adalberto Wodianer Marcondes. Graduado em Jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes-USP, com especialização em Ciência Ambiental pela mesma universidade, ele também se especializou em Jornalismo Econômico e atuou nas revistas Isto é, Exame, Dirigente Industrial, pelas agências France Presse, Dinheiro Vivo e Agência Estado e pelos jornais DCI, Gazeta Mercantil e O Estado de São Paulo. Adalberto, que não gosta de ser classificado como ambientalista, diz que na verdade é "um jornalista que hoje cumpre pautas socioambientais e de sustentabilidade". E fala orgulhoso da revista Envolverde, que hoje tem 160 mil assinantes que recebem uma newsletter diariamente, e cerca de dois milhões de leitores no site por mês.

CLÓVIS FABIANO

ADALBERTO MARCONDES

PARA SABER MAIS
www.envolverde.ig.com.br

SALUM, Alexandre. Discutindo a sustentabilidade. **JB Ecologico**, Rio de Janeiro, p. 38-42, nov. 2008.